ABRIL—DIA 13—1916 PREÇO 50 RÉIS ANNO 2.º—N.º 20

A IDEIA NACIONAL

REVISTA MONARCHICA SEMANAL ILLUSTRADA ◇ POLITICA ◇ ARTE ◇ LITTERATURA ◇ MODAS ◇ ELEGANCIAS ◇ SPORT ◇ ESCRIPTORIOS ◇ RUA DA EMENDA, 45 ◇ LISBOA

HOMEM CHRISTO FILHO
DIRECTOR
DOMINGOS CARVALHO MEGRE
GERENTE

PROPRIEDADE DE HOMEM CHRISTO FILHO E DOMINGOS MEGRE ◇ EDITOR ◇ ANTONIO COSTA ◇ COMPOSTO E IMPRESSO ◇ RUA DO MUNDO, 57, 59, ◇ LISBOA

JOSÈ PACHECO
REDACTOR ARTISTICO

JOÃO DO AMARAL
REDACTOR EM CHEFE

VICTOR FALCÃO
SECRETARIO GERAL

(Composição inedita de ALMADA NEGREIROS*)*

PARADOXO

(Desenho de ALMADA NEGREIROS)

POR

ALVARO PINHEIRO CHAGAS

Nos meus tempos de rapaz apparecia muito pelos cafés e theatros de Lisboa, um velho bohemio que conhecia toda a gente, que a todos tratava por tu, e que tinha por costume offerecer um bom conselho em troca d'um calice de cognac.

—Rapazes, dizia elle, vi muito, passei muito, e tanto vi e tanta cousa passei que, posso dizel-o com verdade, um conselho meu, vale muito, muito... Venha um copito de cognac e dou-vos um conselho dos bons, mas dos bons a valer.

Dava-se-lhe o cognac e elle dava o conselho.

Dava-o e explicava-o.

Uma certa noite, no Tavares, aproxímou-se da nossa mesa e perguntou:

—Vae conselho?...

Um dos do grupo bateu as palmas e disse para o creado:

—Venha cognac...

O bohemio abancou, encheu o calice, e com certo ar solemne, aconselhou:

—Rapazes... Vocês não casem com rapariga que tenha nascido no dia dos annos da mãe...

E accrescentou:

—A não ser que a mãe já tenha passado d'esta para melhor.

—Bem... Está dado o conselho... Venha agora a explicação.

E elle explicou:

—Um homem casa, e, claro está, o anniversario natalicio da esposa é um dia de festa rija... Alegria, jantar mais apurado, reunião de familia... Vem a sogra, vem o sogro, veem os amigos mais intimos... Chega a sobremeza e começam os brindes... O marido ergue a taça de Champagne ou o calice de Porto e, com enternecimento brinda: *A' minha Adelaide, para que este dia se repita por muitos annos e bons*... e faz menção de escorripichar o copo para acentuar bem que a saude é das de bota a baixo...

E o velho bohemio esvasiava o copo de cognac...

—Mas, meninos... nunca o pobre marido chega ao fim, porque ha sempre um conviva que exclama logo: *E á saude tambem aqui da sr.ª D. Leocadia, nascida egualmente n'esta data festiva.* E o dono do casa engasga-se sempre com o brinde á sogra a atravessar-se-lhe no brinde á mulher...

Vem isto a proposito das manifestações patrioticas que se teem feito por essa Lisboa, por motivo da declaração de guerra da Allemanha.

Tive ha dias occasião de assistir a a uma d'essas manifestações.

Estava no meu escriptorio entregue á doce e melancolica tarefa de alinhar algarismos e calcular percentagens, quando da rua subiu até mim o rumor de gritos, palmas, e exclamações.

Curiosamente cheguei á janella.

A rua apinhada de gente offerecia o espectaculo de um rio de cabeças desaguando no Rocio.

—E' uma manifestação patriotica: informou a meu lado um companheiro de escriptorio.

Respeitosamente tirei a penna de traz da orelha e preparei-me para vibrar.

Quando cheguei á janella não se percebiam bem os vivas. Viam-se chapeus no ar, caras vermelhas de enthusíasmo, pescoço torcendo-se no esforço de um berro, mas não se distinguia bem que gritava a multidão.

A certa altnra porém, d'um grupo que passava sob a nossa janella, sahiu nitido, vibrante, intenso, um viva:

—Viva a Patria!

Senti um arripio... O coração palpitou-me com mais força...

Instinctivamente, n'um impulso, inclinei-me um pouco na janella. Estendi a meio o braço. Os pulmões dilataram-se-me aspirando largamente o ar.

E cá de dentro, muito cá de dentro, ia brotar irresistivel a expansão do meu enternecimento e a minha saudação à Patria, quando do grupo outra voz se ergueu berrando:

—E viva o sr. dr. Bernardino Machado!

Era a sogra que fazia annos no mesmo dia!...

Recolhi ao meu gabinete e tranquilamente voltei á minha melancolica tarefa de alinhar algarismos e calcular percentagens, emquanto lá fora na rua, o rio de cabeças continuava desaguando no Rocio.

Dias depois foi-me dado assistir a uma outra manifestação patriotica.

D'essa vez os manifestantes pareceram-me bastante mais excitados que os da manifestação anterior.

Os gritos que soltavam eram mais violentos e os gritadores denunciavam-se mais aguerridos.

Um d'elles, provavelmente mais viajado e mais lido, soltou mesmo em certa occasião um *A Berlin!... A Berlin!...*, que se me affigurou bastante promettedor.

Comtudo o grito que mais me impressionou foi o de: *Abaixo os traidores.*

Eu estava n'um electrico e a multidão viera de encontro a elle, obrigando-o a parar, tanta era a gente e tão estreita era a rua.

O manifestante que soltára o grito de *Abaixo os traidores*... soltára-o furiosamente para dentro do carro, como se os traidores fossem os passageiros.

Houve mesmo um momento em que, lembrando-me de que é ingleza a Companhia dos Electricos, distrahidamente, julguei ter voltado alguns annos atraz e ser aquella uma das manifestações da epoca em que eram appelidados de traidores todos aquelles que se forneciam de chá na Padaria Ingleza e em que uma loja de fazendas da rua Larga de S. Roque, para conservar intactos os vidros das montras, teve de mudar de nome e passar a chamar-se *Casa Nacional* em vez de *Casa Ingleza.*

Mas não... O grito de *Abaixo os traidores* não era com os passageiros do electrico.

Com quem era então?...

Não seria facil sabel-o.

Em Portugal chama-se com facilidade traidor a qualquer, talvez porque seja o que ahi está, obra de uma traição.

Eu por exemplo, já tive a honra de ser accusado de traidor á Patria pelo sr. Antonio José de Almeida, actual presidente do conselho.

Sua senhoria uma vez n'um artigo da sua gazeta teve a amabilidade de maçar o publico com perto de duas columnas de prosa para nos accusar, a mim e a meus irmãos, de traidores á Patria!...

O pobre homem fazia-nos a accusação porque andavamos lá por fóra conspirando contra a Republica e porque entráramos a fronteira com armas estrangeiras.

Eu não sei onde demonio queria elle que nós conspirassemos contra a Republica se a mesma Republica me expulsára de Portugal e se a meus irmãos só consentia a permanencia no paiz desde que acceitassem como moradia o Limoeiro ou a Penitenciaria; nem como diacho elle queria que entrassemos a fronteira com armas que não fossem estrangeiras, se em Portugal as não fabricam e se as fabricassem nol-as não venderiam...

O caso foi que nos chamou traidores á Patria, do que—diga-se de passagem—o desgraçado nem teria cabeça para se penitenciar no dia em que, ameaçada realmente a Patria por um perigo estrangeiro, constatasse que. emquanto na sua cadeira de gottoso o rodeavam amigos e adeptos a supplicar-lhe que lhes descobrisse nichos de *embusqués*, para o seu posto haviam sido os primeiros a partir aquelles que elle appelidára de traidores á Patria, e que pela Patria iam desprendidamente dar o seu sangue, tendo no espirito um profundissimo desprezo pelo presente, no coração um enternecido amor pelo passado, e levando nos labios o verso de Lamartine:

C'est la cendre des morts qui créa la Patrie

Pois ia eu perguntando a mim mesmo: quaes seriam os traidores contra quem o homem da manifestação berrava como um desalmado?

Não demorou muito a resposta.

Um grupo de patriotas de boina verde, tomando a rua de lado a lado, envolveu o carro electrico e, n'uma commovente unanimidade de opiniões, vociferou:

—Viva a Republica! Abaixo os thalassas!...

Os traidores eramos nós, os thalassas!...

Ora como querem os senhores que com taes patriotas, seja possivel n'esta terra, em qualquer occasião, a tão apregoada União Sagrada?

Para que ella fosse possivel seria necessario que a ideia da Patria, para todos pairasse acima dos rancores pessoaes e dos odios politicos.

E como conseguil-o, se a nós, os monarchicos, á Patria nos liga na phrase admiravel do socialista Jaurés, *tout ce qui nous précéde et tout ce qui nous suit, ce qui nous créa et ce que nous créons, le passé et l'avenir, l'immobilité des tombes et le tremblement des berceaux*, e se a elles, os republicanos, á Patria apenas os liga a submissão á omnipotencia do sr. Leotte, a admiração pela omniscencia do sr. Affonso Costa, e a prioridade nos empregos publicos aos revolucionarios civis.

ANSELMO.

AS NOSSAS INICIATIVAS

EXPOSIÇÃO D'ARTE MODERNA

Esta revista não pretende, simplesmente, fazer a diffusão entre os seus leitores das ideias politicas que podem originar o renascimento da prosperidade economica nacional e o regresso da alma portugueza ao culto das nossas instituições tradicionaes.

A *Ideia Nacional* deseja tambem provar que alguns dos nossos artistas moços são donos de faculdades creadoras capazes de influenciar, sob o ponto de vista da Esthetica e da Belleza, a dormente geração a que pertencemos.

N'esse sentido vamos realisar a nossa primeira *Exposição d'Arte Moderna*. Ella constituirá—podemos já garantil-o—um notavel acontecimento que fará interromper a teimosa banalidade da vida portugueza comtemporanea.

E como temos a opinião de que contribuir para a cultura artistica de um povo é contribuir para o seu progresso, não restringiremos a Lisboa a nossa *Exposição d'Arte Moderna*. Ella funccionará, tambem, em algumas das restantes cidades do paiz, como Porto, Coimbra e Braga.

Quem expõe? Tenham os leitores um pouco de paciencia. Amplamente responderemos a esta pergunta no proximo numero da *Ideia Nacional.*

CONCERTOS MUSICAES

Tambem vamos promover uma serie de concertos por todo o paiz sob a direcção artistica do nosso distinctissimo critico musical, Ruy Coelho, sendo os primeiros no Porto, Braga, Vianna do Castello, e outras terras do norte.

Para estes concertos conta Ruy Coelho, cam a collaboração dos melhores concertistas portuguezes e estrangeiros.

D 32:7 116

ACCORDAR! ACCORDAR!

POR

HOMEM CHRISTO FILHO

A revolução de 1910, abalando fundamentalmente os alicerces da velha sociedade portugueza enfraquecida por crises successivas, quebrou abruptamente a tradição nacional.

A incultura alliada a uma desmedida vaidade intellectual e a furia iconoclasta dos revolucionarios, demolindo os ultimos elementos de cohesão e disciplina, deram alento e crearam uma ambiencia favoravel ao desenvolvimento dos germens de anarchia que já de ha muito vinham minando o nosso organismo collectivo.

De repente, a sociedade portuguesa com sete seculos de existencia, voltou aos primeiros tempos da edade social — a edade da anarchia, ou do cahos. E' esse periodo de desorganisação e loucura em que teem succumbido tantas nacionalidades que nós estamos atravessando. E' d'esse periodo que precisamos sahir, e sahiremos, se da parte dos homes cujo prestigio poude resistir ao virus da demolição, e da parte dos novos, houver a isenção e a energia necessarias para ressuscitar as velhas qualidades da Raça. Entraremos depois no periodo republicano, ou dos ensaios, desde a tyrannia até á democracia, para attingirmos finalmente o periodo definitivo, — até ao ponto em que o pode ser um resultado humano, que é o estado monarchico.

A situação actual da Europa, provocado pelo conflicto tremendo de civilizações e de interesses que agita o mundo e veio lançar por terra os sonhos vãos que ameaçavam subverter todo o edificio das verdades humanas, presta-se admiravelmente á execução da nossa obra de resurgimento nacional.

Vinte mezes de guerra, com o seu tragico cortejo de mortes e catastrophes inevitaveis, foram mais uteis ao progresso humano e causaram mais profundas modificações na consciencia universal que quarenta annos de tranquilidade e paz bonacheirona. O sobresalto qne sacudiu a Europa mostrou aos povos que se tinham deixado embalar pelas canções enganadoras das sereias radicaes, toda a inanidade do humanitarismo doentio, do internacionalismo *à outrance*, das theorias anarchicas da lucta de classes e da doutrinação anti-religiosa com que ha um seculo se vinha envenenando o cerebro e o sangue de gerações successivas.

A Inglaterra e a França, onde a intoxicação revolucionaria tinha attingido proporções assustadoras, onde os males da Democracia estavam em plena florescencia, tiveram que fazer appello a todas as forças do Passado para não vergar sob o peso do Infortunio e o ferro do algoz. O povo francez, levantando-se como um só homem á approximação do perigo exterior, abolindo d'um golpe as suas dissenções interiores, fazendo calar as vozes inconscientes dos prégadores de heresias e dos demolidores das verdades eternas que são a Religião, a Patria e a Familia, submettendo os interesses transitorios do individuo á permanencia do interesse collectivo, emfim, applicando concretamente a doutrina monarchica, resgatou pelo arrependimento e o sacrificio os erros anti-sociaes dos seus governantes e sublimou-se á altura da divindade.

Renasceu a Fé e com ella o amor da Patria, o respeito da ordem, a disciplina, todas as virtudes seculares do latinismo de que os gaulezes foram sempre mais dignos e fieis depositarios, os mais heroicos e abnegados defensores.

Quem esteve em França antes da guerra e ali assiste hoje ao espectaculo magnifico da união collectiva, da transformação da mentalidade nacional, avaliará de quanto podem sobre a intelligencia e a alma d'um povo as realidades materiaes. Ao passo que os mais intransigentes adversarios do regimen depuzeram as armas politicas com que o combatiam para empunharem a espada com que se defende o solo da Patria invadido e pilhado pela barbaria organisada, nobilitando pelo exemplo da mais alta dedicação e da mais perfeita obediencia os principios que proclamavam os homens que tinham arrastado a França á beira do abysmo ou se calam, de medo que os façam calar, ou veem, como Gustavo Hervé, espontaneamente confessar os seus erros e renegar as doutrinas que os factos desmentiram.

Nos cerebros e nas consciencias a ordem mais perfeita, a disciplina mais absoluta. Se acontece que um velho louco, um anarchista impenitente, como Clémencean, procura romper a união sagrada e continuar a sua obra demolidora, desprestigiando systemathicamente o poder civil e o poder militar, censurando tudo e todos, a torto e a direito, em nome da «verdade» e da necessidade de se dizer a «verdade», — é o cavallo de batalha de todos os demolidores — como se elle fosse o unico cerebro omnipotente e omnisciente da França, o depositario unico de todas as virtudes, — outra mania a que leva a cegueira d'um individualismo inconsciente ou d'um temperamento anti-social — o governo não hesita em lhe supprimir os artigos e, quando é preciso, em lhe suspender o jornal. E apoiando unanimemente este acto de força que as circunstancias exigem, a opinião publica responde, como Goethe, ás recriminações e queixumes do velho democrata incorrigivel: — «mais vale a injustiça, que a desordem!»

E' este bello exemplo da França, já que sempre fomos tão promptos em lhe imitar os erros e assimilar soffregamente o que ella tinha de mau, desconhecendo ou repellindo systhematicamente as suas inegualaveis virtudes, é este nobre exemplo da França que hoje é preciso meditar e seguir em Portugal. E' este exemplo de disciplina collectiva que, n'um paiz de desordem e indisciplina permanente, de anarchia brava, urge apontar e radicar no espirito publico, embora com sacrificio das nossas ambições e interesses immediatos.

Entre nós, mais que em qualquer outra parte, é verdadeiro o aphorismo popular: cada cabeça, cada sentença. Não ha portuguez que se não sinta superior ao visinho e se não julgue capaz de fazer melhor do que elle; não ha imbecil que se não julgue homem de genio, nem mercieiro que se não julgue homem de estado. Não se pode conversar com um portuguez da mais infima e modesta condição intellectual ou com um menino de quinze annos sem que elle se julgue no direito de exprimir desde logo com irritante petulancia *as suas ideias* sobre tal ou tal assumpto, sobre tal ou tal problema da coisa publica. Discute-se tudo, critica-se tudo, destroe-se tudo pelo prazer de destruir, com uma audacia que toca as raias da loucura. Portugal tornou-se o paiz da irreverencia; nada resiste á picareta iconoclasta d'estes esperançosos filhos espirituaes da Democracia!

Pois é urgente pôr termo ao delirio, porque o momento não é para delirar; é urgente sahir d'este somno lethargico que já se vae assemelhando demais ao somno definitivo da Morte: o momento não é para dormir, mas para accordar!

São horas. O portuguez levanta-se sempre tarde, em geral. Não era assim no tempo de Vasco da Gama e de Affonso de Albuquerque, no tempo de D. João I e de Nun'Alvares. Então descobriam-se os continentes, dobravam-se os cabos ao romper de alva e o Sol saudava, ao nascer, os Portugueses, já vestidos de couraça e elmo, aprumados nos estribos dos ginetes, empunhando a lança e triumphando nos campos de batalha.

São horas. De doutores de borralho, de criticos pretenciosos e impertinentes, de pessimistas de má morte, de insubmissos e de demolidores estamos nós fartos. Tambem temos abundancia de trovadores. Ah! o fado é lindo! Mas não é ao som das guitarras que se defende a Patria e se salva o patrimonio nacional, E' ao som das trombetas e dos clarins!

Accordar! Accordar! Restabelecer a ordem nos espiritos e nas consciencias. Restaurar a disciplina n'este paiz varrido por todos os ventos da anarchia e da insania. Dar musculos para brandir a espada aos braços d'estes homens que de ha muito parece que só teem musculos nas pernas, para fugir. Metter ideias sãs n'estes cerebros vasios e sentimentos nobres, viris e fortes, n'estes corações amollecidos. Fazer reviver a nossa gloriosa tradição secular, a obediencia e o respeito aos mais velhos e aos mais sabios que era a devisa dos nossos heroes de outr'ora. Tornar os Portuguezes dignos de Portugal!

E' difficil? Talvez. Mas juntem-se os homens de caracter, de boa vontade e de talento, os *homens de acção*, e vamos a obra. A difficuldade só aterra os pygmeus, e nunca homens de grande Fé se abalançaram a faceis empreezas.

Trata-se d uma obra nacional que, por isso mesmo, não é impossivel, pois *impossivel* não é palavra portuguesa. De ha muito, pelo menos, que eu a risquei do meu vocabulario.

HOMEM CHRISTO FILHO.

A POLITICA

POR

JOÃO DO AMARAL

I — RAZÕES DE INTELLIGENCIA E DE UTILIDADE

Aceitar o estado de guerra como um facto irremediavel, fazer todos os esforços para que elle traga á Nação o menor numero de prejuizos e procurar que d'elle advenham, para a Patria e para a Monarchia, os maiores beneficios, eis o que me parece deva ser o nosso dever de portuguezes e o nosso criterio de politica realista. N'este momento de nada nos serve discutir se foi acertada ou criminosa a politica internacional dos governos republicanos; fossem ellas quaes fossem, as conclusões d'uma discussão semelhante não modificariam agora o destino da nacionalidade nem a futura solução do nosso problema politico. E sendo indiscutivel que as más consequencias d'este estado de guerra não prejudicarão sómente aquelles que o provocaram mas sim todos os cidadãos portuguezes; sendo indiscutivel que a Allemanha victoriosa não se pagará dos damnos e offensas que lhe fizemos, penhorando a fazenda e os bens do Sr. Augusto Soares ou do Sr. Leote do Rego, mas sim ameaçando, devassando e apropriando-se da riqueza e fazenda nacionaes; sendo evidente que, no caso d'uma derrota, todos nós, monarchicos ou republicanos, germanofilos ou germanofobos, soffreriamos n'uma proporção egual as consequencias do erro commettido, — porque motivo não haveremos nós de orientar a nossa politica partidaria de forma a que nos seja reconhecido um logar e um direito na partilha de beneficios que a Victoria dará á Patria e ao Rei?

II — O INTERESSE NACIONAL

A estas razões de intelligencia e utilidade que determinam a nossa attitude oppõem os republicanos razões semelhantes que justificam a d'elles e satisfazem ou o seu patriotismo ou o seu interesse de partido ou o seu sentimentalismo revolucionario. Em tempo normal, o criterio jacobino de patriotismo, o interesse dos partidos constitucionaes, a ideologia ou o sentimentalismo democratico são causas constantes d'uma constante divisão e exgotamento da communidade nacional; o culto de certas abstracções anti-scientificas diminue, mesmo inconscientemente, o prestigio de realidade sociaes que, como a Familia, a Patria e a Religião, lhes foram anteriores e sempre contrarias; um regimen politico baseado em principios antiphysicos e anti-sociaes, como são os da Liberdade e da Egualdade, não pode assegurar a plena defeza, a plena conservação, o pleno desenvolvimento d'um interesse nacional que a maior das vezes constrange ou escravisa a autonomia individual; não foi só contra Deus, contra o Rei e contra o Pae que se fez a Revolução; Deus, o Rei, o Pae são a personalisação mais perfeita da auctoridade, da ordem e do direito social; foi contra essa auctoridade, contra essa ordem e contra esse direito social, garantias e escóras da Patria, que se proclamaram os direitos do homem e do cidadão. Este culto do individuo enfraqueceu, pois, necessariamente o culto da Nação; os legisladores republicanos limitaram-se apenas, nas leis com que reformaram o exercito, a familia e a nossa vida religiosa, a realisar a missão dissolvente de todas as democracias.

III — A UNIÃO SAGRADA

Da antinomia entre a Nação e o ideologismo revolucionario provém, pois, que os defensores do segundo são os peores inimigos da primeira; uns por méro espirito de banditismo, outros por ingenuidade, outros por fraqueza e todos pela razão originária de que o seu conceito do interesse nacional se subordina sempre á defeza de principios que logo começam por antepôr á liberdade do individuo a todas as outras liberdades, inclusivé a liberdade da Nação.

A impossibilidade de definir o que seja o interesse nacional n'uma sociedade em que esse trabalho de defini-

ção está entregue a alguns milhões de individuos com aspirações, mentalidades e interesses não só diversos como antagonicos, — géra a confusão e a anarchia no governo do Estado. Nós, monarchicos, resolvemos o problema pela forma mais razoavel, entregando-o ao arbitrio do Rei cujo interesse pessoal e familiar está intimamente confundido com o interesse da Nação. A formula monarchica honra a humanidade: antepôr a funcção organica da Realeza ao mechanismo inconsciente da Eleição é valorisar o cérebro e recolocar a machina na sua posição subsidiaria.

Ha, porém, na vida das sociedades democraticas momentos de crise suprema em que o interesse nacional se define por forma a impôr-se á comprehensão de todas as mentalidades; eada um de nós pode ter um criterio singular sobre a solução do problema financeiro; mas tratando-se da defeza da Patria, posta em perigo pelo actual estado de guerra, os cinco milhões de individuos existindo sobre a terra portugueza não podem deixar de formular um conceito unico sobre qual seja o interesse immediato da Nação.

A *União Sagrada,* phrase com que a rethorica latina enriqueceu agora a mecanica do enthusiasmo, baseia-se n'estes simples raciocinios.

IV — A MENTIRA DEMOCRATICA

Quero dizer que, em certos momentos excepcionaes da vida dos povos, a existencia d'uma Ideia que se impõe ao consenso unanime de todas as sensibilidades e de todas as intelligencias, suppre d'algum modo a falta do chefe hereditario, a falta da sua acção coordenadora e dirigente. Os regimens democraticos vivem então uma vida extranha, contraria á sua essencia e tão superior á sua natureza criminosa como a d'aquelles bandidos que um momento foram santos e heroes...

Mas para que se torne proveitosa essa atmosphera de milagre, (em que certas agonias conseguem ter ás vezes lampejos de aurora) para que se realise esse interesse nacional já claramente definido, os governos democraticos vão procurar ás instituições monarchicas os meios de que a sua fraqueza necessita. Pedem ao Parlamento poderes excepcionaes, enriquecem-se com attribuições que só o Parlamento possuia, para que a Auctoridade anteriormente dividida entre algumas dezenas de individuos, se fortifique e unifique tanto quanto possivel nas mãos do poder executivo; n'este caso, como em tantos outros, os governos democraticos não podendo illudir-se nem illudir-nos sobre a necessidade de defender a Nação, renegam a immortalidade infallivel dos seus principios e lançam mão (ás vezes demasiado tarde) de recursos que horas antes haviam condemnado.

V — A CENSURA PRÉVIA

Na verdade, é mais facil apanhar um mentiroso do que um côxo... Affirmar que todo o homem nasce livre e legislar, consequentemente, que elle tem o direito de pensar livremente e de exprimir livremente o seu pensamento, não me parece nem muito difficil nem muito despido de belleza; simplesmeute succede que os governos foram feitos para realisar uma missão de hygiene e conservação social, defendendo-nos do enfraquecimento contra o inimigo interior para mais facilmente nos defender da morte contra o inimigo extrangeiro; e assim, aberto um conflicto entre a liberdade do individuo e a liberdade da Nação, o de salvação publica constitue a negação de todos os dogmas libertarios em que se baseiam; o republicano que o usa ou permitte renega a primeira palavra da sua doutrina e confessa que essa doutrina mentia, prejudicava os interesses da Patria; só nos regimens monarchicos em que o *interesse nacional* é o unico dogma fundamental e sagrado, estas restricções impostas á liberdade do individuo em proveito da communidade, teem uma origem pura e constitucional; as democracias que pretendem servir a nação, a si proprias se desmentem mais tarde ou mais governo vê-se obrigado a restringir a primeira para salvar a segunda. Nos regimens democraticos, este expediente cedo; e quanto mais se desmentem, quanto mais se compenetram, quanto mais se approximam do interesse nacional, tanto mais se confundem com a verdade monarchica.

A censura prévia instituida ha poucos dias pelo governo, já atiçou contra si a má vontade d'aquelles que, aceitando-a, máu grado os seus principios politicos, não se lembraram de que ella, para defender os interesses da Nação, haveria de prejudical-os nos seus interesses. Já fallam em restabelecer as garantias postas pela Constituição ao serviço da liberdade de pensamento. Eu, monarchico reaccionario, que nunca partilhei o beneficio d'essas garantias e que, obediente aos meus principios politicos, não reconheço em mim proprio direitos anteriores ao direito da Nação nem liberdades que valham a liberdade de tudo lhe sacrificar, gostosamente offereço aos senhores da cenzura o meu applauso e o meu appoio.

JOÃO DO AMARAL.

CONTO MUDO

POR

STUART

OS NOSSOS INQUERITOS

QUAL TEM SIDO A INFLUENCIA DA NOVA GERAÇÃO NA VIDA PORTUGUESA?

A «IDEIA NACIONAL» inicia hoje os seus INQUERITOS. Tudo quanto diga respeito á vida portugueza será apreciado nos mesmos pelas pessoas que no nosso paiz têm auctoridade intellectual e moral para o fazer.

Relembrar o Passado no Futuro esquecendo o Presente.

ALBERTO MONSARAZ
(Conde de Monsaraz)

A influencia da nova geração sobre a vida portugueza? Nenhuma, porque não ha vida portugueza. A unica vida portugueza que ha é a nova geração, e essa, por emquanto, pouco se tem influenciado a si-propria.

FERNANDO PESSOA.

A vida portugueza caracterisa-se pelo estado de anarquia... devido — Honra lhe seja — á influencia da geração nova.

Mas, estamos ainda na primeira forma d'uma acção libertadora: Destruimos.

...Vamos agora construir!

STUART CARVALHAES

O Musico que crie a Musica dos Portuguezes, que ainda não existe, tanto mais portuguez e universal será, quanto mais influenciado fôr por toda a vida nacional, do passado, do presente e sobretudo do futuro.

RUY COELHO

Portugal parou em Camões e recomeça no Seculo XX. As gerações modernas accordam as heroinas dos plintos intactos da Batalha e reedificam as aristocraticas ruinas do Carmo sobre o Tejo.

As quinas encimam de novo a Entrada da Europa.

JOSÉ DE ALMADA-NEGREIROS

Influencia... Influencia... Influencia... não tem havido, porque o meio não é apropriado e a bem dizer os individuos que o constituem, são na sua maioria muito espessos; mas, apesar d'isso, tenho notado que a vida artistica se modifica, n'um bom sentido, *malgré* as más tradições.

Ha falta, n'essas creaturas, e isso é muito importante, de vontade de ser independente: por sêr uma excepção, sei o que isso me tem custado.

Tambem, tenho conhecido alguns independentes, que não podem influir por a sua libertação não ser de natureza.

O que grássa é a horda de piratas que mudam em oiro, a essencia das suas tristes ideias.

E é esta, carissimos amigos, a maior das influencias.

ANTONIO SOARES

OBRA POSITIVA

POR

ALFREDO PIMENTA

NÃO digo que se ponha de parte inteiramente a acção critica propriamente negativa—o que levaria a cahir-se num estado de abstração pura. Mas penso e digo que é tempo de pôr ponto ao negativismo exclusivo, e de iniciar o periodo do constructivismo organico.

Todos terçam armas destruindo; ha que pensar em substituir as armas de destruição pelos instrumentos do trabalho edificador. Que os espiritos de combatividade negativa não abdiquem nem desertem; mas que os sigam sem demora os espiritos organicos e politicos. O mal da nação (quantas vezes o tenho dito e redito!) está na supremacia do espirito critico sobre o espirito organico, supremacia que a Revolução Franceza proclamou e que systematicamente se tem espalhado depois. Nós vivemos sobre ruinas e arruinando as proprias ruinas. Nós vivemos fazendo uma obra de demolição integral. Para se destruir a Monarchia—desacreditamol-a, sem, todavia, pensarmos em procurar acreditar a Republica.

Para destruir a Republica, andamos a desacredital-a, sem, no entretanto, pensarmos em acreditar a Monarchia que ha-de substituil-a. Corremos, assim, hoje, o risco de repetirmos o erro de hontem.

Podiamos ter criticado a Monarchia, exagerado os seus erros, malsinado os seus propositos—mas, ao mesmo tempo, podiamos ter creado o *espirito republicano*. Não o fizemos. Creamos, sim, o *espirito revolucionario*. Podemos criticar a Republica e revelar os seus erros e os seus vicios—sem, no entretanto, deixarmos de crear o *espirito monarchico*. Espirito revolucionario já temos de sobra. As camadas activas da politica não são mais do que organismos revolucionarios, ou puxem para a direita ou puxem para a esquerda. Os espiritos estão, em geral, fora dos eixos, tão impregnados andam do proposito negativista. A imprensa, para vencer a opinião publica, tem de ser sarcastica, violenta na expressão, insidiosa, atrabiliaria, escandalosa—isto é demolidora. O tribuno para enthusiasmar o anditorio e conquistar atmosphera, tem que ser flagelante, brusco nas arremetidas, impiedoso nas criticas,—isto é, demolidor. O politico, para captar o aurado momento, tem que ser systematicamente oposicionista, tem que estar ao lado de todas as desordens, de todas as violencias, de todas as aventuras—sempre que ellas vissm a Autoridade, o Governo,—isto é, tem que ser demolidor. A situação é esta. Simplesmente, esta situação só faz alastrar a anarchia, em que nos vimos debatendo, só faz augmentar os obstaculos para a resolução do problema da ordem, só traz, numa palavra, inconvenientes para a Nação.

Não quizeram os propagandistas, os caudilhos da Republica fazer republicanos, passando a vida a crear revolucionarios? Soffreram-lhes as consequencias.

Desencadearam sobre a terra portugueza uma onda pasmosa de anarchia, sob a qual os seus proprios auctores sucumbem. Que os monarchicos, que hão-de ser chamados na hora grave, como ultimo recurso, como recurso extremo, a sustentar o Paiz na queda de morte que os republicanos lhe estão preparando, que os monarchicos não repitam o erro dos republicanos—fazendo revolucionarios, creando a atmosphera revolucionaria, e esquecendo-se de fazer monarchicos. Eu não sei se D. Carlos disse ou não disse a celebre phrase que lhe é atribuida—*Portugal é uma monarchia sem monarchicos*. E se a disse, não sei se a disse com a intenção que eu lhe prestaria se a formulasse, e com a intenção que lhe dou quando a formulo. Ha monarchicos, sem duvida, isto é, ha homens desejosos da Monarchia, instinctivamente sentindo que ella é necessaria ao paiz e muitos com a certeza absoluta de que ella será um facto, quando as condições o exigirem. Mas isso não basta, porque a quasi totalidade dessa gente não possue o *espirito monarchico*, não tem a intuição da philosophia monarchica, não sabe, não vê em que consiste o principio monarchico. Ensinar um monarchico a ser monarchico, levar ao espírito de um moharchico a consciencia do seu proprio principio; levar á consciencia de um monarchico o esclarecimento do seu proprio instincto, eis a grande obra positiva a efectuar, obra que eu considero imprescindivel—se não queremos cahir no erro tremendo em que cahiram os republicanos.

A Monarchia, em 5 de outubro, tinha monarchicos com tanta consciencia da sua missão, como o Sr. Ferreira do Amaral que de um dia para o outro nos aparecia demagogo, como o Sr. Julio de Vilhena, conselheiro de Estado, e chefe de partido, que achava graça á queda do regime e se dava, com essa queda, por vingado! Tinha monarchicos como tantos e tantos outros, estão revelando, agora, no regime republicano, de que estôfo era o seu monarchismo e a sua lealdade ao Rei. Se fizermos uma Monarchia com identicos monarchicos—então é melhor tirarmos d'ahi o sentido e deixarmos que *isto* se afunde sem remissão. Isto que estou dizendo agora, disse-o eu aos republicanos, quando elles andavam na tarefa de fazerem a republica. E as alfurjas botequinicas da Praça Nova do Porto, onde abancavam, n'uma promiscuidade repugnante, os dirigentes republicanos de então, vomitaram contra mim as maiores calumnias, e projectaram, contra mim, as maiores infamias, algumas das quaes chegaram a realizar. O resultado está ahi patente, a demonstrar se eu tinha razão ou não, quando, no *Norte* e na *Voz Publica* eu gritava as palavras necessarias e formulava a doutrina sensata. O que então dizia aos republicanos que me não ouviram, digo-o hoje aos monarchicos que estou certo que me escutarão.

É preciso fazer monarchicos conscientes, isto é, espiritos que sejam integralmente monarchicos. É preciso vulgarisar os principios da philosophia monarchica, porque a aventura republicana foi um erro tremendo, o liberalismo democratico foi um erro maior ainda.

Ha que prestigiar o principio da Ordem, que enaltecer o principio da Auctoridade, que engrandecer o principio da Soberania do Rei. Entre monarchicos liberalistas e republicanos, a diferença é quasi nulla. Porque o mal nem está no monarchismo, nem está propriamente, encaradas as coisas na região das doutrinas, no republicanismo: está no liberalismo, que é commum, na democracia, que é commum. O principio fundamental da Monarchia deve ser o de distincção definida entre governantes, exercendo a funcção de governo, e governados obedecendo á indicação dos primeiros. Os governados não têm que intervir na funcção dos governantes. E estes não têm que preocupar-se com a imiscuição d'aquelles.

As unicas preocupaçoens dos governantes devem residir em bem servirem a causa publica, em bem cooperarem no destino da nação, em bem honrarem os esforços dos Antepassados convergentes. As preocupaçoens dos governados não devem ser outras que não sejam as de bem obedecerem, a de bem saberem obedecer. Tudo quanto não seja começar por ahi, é dar passo em falso, é começar mal, é trabalhar em vão. No jornal, na conferencia, no pamphleto, na tribuna parlamentar, na conversa, na cathedra, na oficina, deve ser essa a doutrina a espalhar, a fazer aceitar, a impôr aos rebeldes e aos inertes. Basta de lerias, basta de ficçoens, basta de sophismas. E' preciso restabelecer a ordem. E a ordem não se restabelece emquanto forem os governadores os gradores dos governantes, emquanto do seio dos governados sahirem os governantes, emquanto os governantes forem mandatarios dos governados e por elles escolhidos. As funcçoens politicas devem ser atribuidas exclusivamente e integralmente á casta dirigente. Esta, emquanto não sahia do bando dirigido, não abusava e não pervertia o seo mister. No dia em que se atribuio á função real a origem popular, nesse dia entrou no grande organismo da ordem, o vicio que havia de desconjunctal-o.

Em Portugal, ha hoje uma cruzada santa a efctuar: prégar as doutrinas positivas, constructivas, organicas, para que não sossobre inteiramente, sob a acção nefasta do negativismo esteril, todo o nosso edificio social.

ALFREDO PIMENTA

MUSICA

CARTAS A UM COMPOSITOR CELEBRE

POR

RUY COELHO

MESTRE: Lembra-se decerto das discussões levantadas na imprensa d'aqui, logo no começo da epocha, a proposito da teimosia do actual diector do Conservatorio, em fazer durante esta temporada a audição integral da 9.ª Symphonia de Beethowen, discussões que evidentemente serviram, mais uma vez, para mostrar a toda a gente o grau de incapacidade profissional e pedagogica do sr. Bahia? Foi um erro de palmatoria.

1.º—O Conservatorio, que nunca fez nada, começava pelo fim.

2.º—Ficou provado que o director, ou não conhecia a partitura, ou não conhece os elementos que em Lisbôa se podem aproveitar para semelhante empreza.

Pois bem. Todo o reclame feito então em volta da symphonia não podia ser perdido, quando ha aqui duas emprezas exploradôras d'estas coisas. Era preciso que a 9.ª Symphonia começasse a render, garantisse duas casas.

O que fazer, pois, se metade da symphonia era impraticavel por falta de vozes?

Dar somente metade. Assim foi. Fez-se a audição do 1.º Tempo, do Andante, e do Scherzo, no mesmo dia pelas duas orchestras.

Eu que tenho passado a minha vida a contemplar e a estudar esta obra, compasso por compasso, que sei o que representa cada phrase, fui n'esse domingo para o concerto com a mesma devoção com que iria, por exemplo, á minha terra, visitar a sepultura d'um parente. Comprei um bilhete para a geral do Theatro Republica. Quando começava a Abertura de Cherubini estava no meio d'uma multidão de desconhecidos, queria vêr como esta gente iria sentir a Symphonia de Beethowen. Agora, enquanto a orchestra atacava um Poêma symphonico de José de Padua, que sei ser medico e era ou é ainda senadôr, eu para o não ouvir folheava a grande obra que em breve mais uma vez ia admirar.

Mas eu não podia deixar de ouvir aquellas coisas que me dizia a orchestra. Queria fugir mas a multidão não consentia que eu chegasse até á porta da sahida.

A orchestra continuava a insultar-me a mim, a Beethowen, e á multidão.

A multidão não comprehendia a linguagem, escutava ainda. Eu tinha de ficar.

Quasi que gritava,—Basta, basta. Mas a orchestra lá ia, até ao fim, e agora a multidão applaudia. Era impossivel! Disse não sei o quê ao publico e protestei, batendo fortemente, trez vezes, com a bengala no sobrado. Eia, eia! Fóra! uivou a assemblêa! Fóra!... Eu repeti as bengaladas com mais força. Fóra! Eu repeti as bengaladas com mais força ainda. Fóra! fóra! Repeti as bengaladas, ainda com mais força, e d'esta vez atireilhes á cara com a 9.ª Symphonia de Beethowen, que foi cahir mesmo no meio da sala. Que horror! Um homem salta direito a mim, terrivel, mas alguem segura-o, e então elle fuiosamente, começou a gritar: Fóra! fóra! viva o auctor! viva o Poêma symphonico! viva, viva—Fóra, fóra!..

.....

.....E á noite um jornal dizia que o successo da tarde tinha sido o *Poêma Symphonico*.

* * *

Mas ria-se commigo, Mestre! Hoje um amigo meu foi comprar um par de sapatos, e comprou-os ao homem que estava em desacordo commigo, que é nem mais nem menos do que o dono da sapataria! Que tal, hein?

Até quinta-feira, Mestre.

Seu Discipulo Amigo

RUY COELHO

— TODA A CORRESPONDENCIA QUE DIGA RESPEITO A QUALQUER DAS SECÇÕES D'ESTA REVISTA DEVE SER DIRIGIDA AO SR. VICTOR FALCÃO—SECRETARIO GERAL DA «IDEIA NACIONAL».

COISAS DE NADA

POR

ANTONIO CARNEIRO

Palavras de um português

Muito se tem fallado actualmente,
Sobre o valor da raça portugueza;
E se uns a consideram decadente,
Outros affirmam conservar, latente,
A antiga força com egual firmeza.

A cada vez que surge a discussão,
Não me posso impedir de recordar,
—Nem posso recordar sem emoção,—
A phrase heroica do humilde ancião
Que ha tempos tive a honra de abraçar.

Vinhamos sobre Chaves. Uma tarde,
Entre gritos de alegre sobresalto,
Com muitos votos de «que Deus nos guarde»
E uma grande voctoria nos aguarde,
N'uma aldeia qualquer, fizemos alto.

Moças airosas, d'uma cor sádia,
Fitando em nós os espantados olhos,
Com pena, admiração e sympathia;
Deram-nos fructa «da melhor que havia,»
E até de rosas perfumadas mólhos.

Eu descançava á sombra d'um vallado,
Quando appareceu na curva do caminho
Um alto rapagão desempenado,
Que marchava p'ra nós, trazendo ao lado
Um trémulo e sympathico velhinho.

Parou por uns momentos hesitante.
Na sua decisão, fez-se uma pausa.
Mas seguiu a fallar ao commandante,
E El-Rei, tinha por si, desde esse instante,
Mais um soldado a defender-lhe a Causa.

Pouco depois, ao irmo-nos embora,
Como tomado de instantaneo assombro
No filho o olhar do velho se demora...
...Mas elle marcha pela estrada fóra,
Segue comnosco d'espingarda ao hombro...

Tornei a ve-lo,—co'o maior desgosto!—
Perto de Chaves cujo pó mordera...
Vi-o de bruços, todo em sangue o rosto;
Vi que tinha morrido no seu posto;
...E que arriscado posto elle escolhera!...

Acertei de passar, na retirada,
N'aldeia onde comnosco se juntára;
E alli fui encontrar, na mesma estrada,
E na mesma attitude resignada,
O velho, tal e qual como o deixára.

Saudou de longe n'uma triste voz.
E o seu agudo olhar, tomou mais brilho,
Quando applicadamente se dispoz,
A ver se lhe surgia, d'entre nós,
A figura, tão querida, de seu filho.

Parámos todos para lhe dizer,
O que nenhum ousou pronnunciar;
E o velho n'uma ancia de saber,
E n'um vago receio d'entender,
Não tirava de nós o agudo olhar.

Foi o nosso silencio que lhe disse,
O que a nossa bondade lh'occultava;
E então, na sua misere velhice,
Ainda achou forças com que reprimisse
O soluço de dor que o estrangulava.

E escondendo o que havia de soffrer;
Suffocando o que tinha pr'a chorar;
Apenas encontrou pr'a nos dizer:

— «Se voltarem um dia a combater.
Ainda tenho outro filho p'ra vos dar».—

E deixou-nos o trémulo velhinho.
Em nós era tão funda a commoção,
Que emquanto o vulto d'esse pobresinho
Se não sumiu de todo no caminho,
Nos conservámos de chapeo na mão.

. . . . . .

E' com estes auctores qne me auctoriso
A no valor da raça confiar.
O que nunca tivemos foi juizo.
Mas em compensação, quando é preciso,
Sabe-se morrer bem, e,... devagar.

Impossivel!

Entre os sitios frequentados,
Talves os *Passos Perdidos*,
Seja dos mais concorridos
E menos policiados.

De modo que volta e meia,
Por dá cá aquella palha,
Campeia infrene a baralha
E ha por lá sua tareia.

No jornal aonde eu acho
Noticia d'esses duellos,
Diz que houve um entre o Camacho
E Henrique de Vasconcellos.

Mais a gazeta declara,
Que segundo lhe constou,
O Vesconcellos ficou
Com nodoas negras na cara.

Isso é que eu não acredito;
Porque um homem da côr d'elle
Nunca saiu d'um conflicto
Com nodoas negras na pelle.

Em Branco.

Eu vivo n'uma anciedade,
—Que á outra gente imagino,—
Que alem de curiosidade,
En tenho necessidade
De saber do meu destino.

Quinhentos varios jornaes,
A's mãos do garoto arranco;
Encontro assumptos banaes,
E do que me interessa mais
Só vejo espaços em branco.

Tão reduzido apparece
O commentario tão raro;
Que isto da guerra parece
Uma coisa sem interesse
Que possa... *passar-se em claro.*

ANTONIO CARNEIRO.

ASPECTOS PARISIENSES POR JORGE BARRADAS

A IDEIA NACIONAL

FAVORES DO PUBLICO E DA IMPRENSA

O reapparecimento d'esta revista foi acolhido pelo publico com um enthusiasmo que não nos envaidece mas que nos compensa dos sacrificios realizados para que a *Ideia Nacional* se apresentasse galhardamente.

Fizemos duas edições e ambas se exgotaram rapidamente, tendo sido nós, por esse facto, constrangidos a desattender varios pedidos de exemplares que os nossos amaveis agentes nas provincias formularam.

Uma grande parte d'este exito extraordinario é devido, incontestavelmente, ás persistentes e obsequiosas referencias com que ha semanas nos vêm honrando muitos dos nossos presados collegas da imprensa.

A todos elles agradecemos a gentileza.

A REAL MESA CENSORIA

POR

ROCHA MARTINS

TODAS as quintas feiras, ás duas horas da tarde no verão, e ás tres no inverno, o senhor presidente da Real Mesa Censoria abria a sessão, com oa r grave d'um fiscal imcumbido de zelar pelas audacias do pensamento humano.

Pilhas de manuscriptos amontoavam-se sobre os bufetes, cadernos em pergaminho e em grossos papeis pejavam as mesas; livros de lombadas vestidas de carneira esperavam a vez de ser lidos, emquanto as lunetas de cabo, os oculos redondos, armando os olhos atentos dos censores perfuravam as phrases, analysavam os diseres, espionavam o sentido das mais innocentes expressões.

Era no anno de 1768, depois d'abril. Durante algumas horas tudo se revolvia e se ia discutindo; dedos avidos passavam as folhas, e, entre os espirros provocados pelo simonte, as criticas, e os ditos parecia não haver maneira de se expressar o sentir dos sabios, dos escriptores, dos artistas, cujas obras ali estavam, como se todas nascessem contaminadas de peccado. Desde o seculo XV que tal tarefa se fazia na Inquisição, condemnando as simples duvidas nos capitulos de fé, fechando n'um segredo as ideas, mergulhando o povo na ignorancia. Aquillo tinha o cunho de ser tramado n'um tribunal por juizes predispostos a encher carceres.

O conde d'Oeiras, chegado ao poder eivado do mais feroz desejo de absolutismo, creara então a Real Mesa Censaria e os padres doutos, politicos e sabios acceitavam a missão de defeza pondo um bridão rijo nas linguas, umas algemas fortes nas mãos, lançando uma paralysia de terror nas pennas dos seus comtemporaneos.

Tinham os mais largos poderes. O decreto era claro:

"Jurisdicção privativa e exclusiva em tudo o que pertencesse ao exame, approvação e separação dos livros e papeis introduzidos e que de futuro se houvessem d'introduzir, compôr e imprimir em Portugal e seus dominios."

Podia definir-se assim aquella prerogativa: o encarceramento do espirito.

Portugal, n'esse tempo, mergulhava na ignorancia, o conde d'Oeiras desejava-o ligado a essa marca como a uma grilheta. Muito saber desencadearia a revolução, viesse de dentro dos conventos ou das aguas furtadas dos sabios.

Havia apenas em todo o reino e seus dominios 479 mestres de lêr, 236 de latim, 38 de grego, 49 de rhetorica, 35 de philosophia. Era a educação humanista, restringida a ricos, a clerigos, a nobres. O povo tinha o caldo da portaria, um alimento, desde que não pudesse labutar na terra; a treva para a alma, porque vivia no isolamento dos lettrados; e estes, dependentes do estado, pautavam as suas manifestações, ás quaes ainda assim se antepunha a Real Mesa Censoria, ás quintas-feiras reunida, em volta dos bufetes, de labios condemnatorios e olhos abertos para todas as entrelinhas.

Não fôra, porém, o acaso que presidira á escolha dos censores. N'esse tempo do absolutismo mais declarado, longe de se ir buscar quem maiores qualidades de reaccionario tivesse, procurava-se antes a gente de sapiencia para a analyse detalhada das obras que se queriam dar a lume.

"Já tenho determinado — dizia a lei — *que o presidente da Mesa será sempre um varão dos mais sabios e auctorisados dos meus reinos para o que concorrerão n'elle as qualidades de erudito nas lettras sagradas e humanas" Os deputados serão theologos, juristas e politicos" O secretario deverá ser professor de lettras, expedito, intelligente, bem morigerado, temente a Deus."*

(*Desenho de* ANTONIO SOARES)

D'este modo exerceu censura frei Manuel do Cenaculo, bispo de Beja e depois arcebispo d'Evora.

Filho d'um operario serralheiro Manuel do Cenaculo Villas Boas foi lente universatario, provincial da ordem Terceira, confessor do principe D. José e seu preceptor, devendo-se-lhe a formação d'aquelle espirito dos mais adiantados d'esse tempo.

Era elle o analysta de Verney, o definidor do dogma da Immaculada Conceição, o reformador dos estudos e socio honorario da Academia Real das Sciencias.

A invasão francesa encontrou-o revoltado, diante das pastoraes de bom acolhimento ao inimigo sahidas das outras pennas episcopaes. Tal era um dos censores n'esse periodo remoto do absolutismo.

Os outros ou eram desembargadores de fama, sacerdotes doutos, prelados, lentes da Universidade ou eleitos entre os padres sabios que então illustravam as ordens portuguesas.

Não se sophismara o decreto que mandava ser os censores, pessoas de notoria litteratura e illibados costumes.

E se na parte relativa ao procedimento moral, nem sempre se attendeu ao nomear-se José Agostinho de Macedo, cuja mocidade turbulenta não era um exemplo edificante, emquanto a talento litterario difficil seria escolher melhor.

Tambem o padre, pondo de lado, invejas de renome, foi sempre justo com as boas obras e não deixou jamais d'exercer a sua satyra contundente, ao passar-lhe diante dos olhos manuscriptos sujeitos á sua critica.

Conservava um bom humor eterno, agora que a vida já não lhe corria em expedientes de bohemio e os livros da bibliotheca conventual não iam, como productos dos seus roubos, pejar as estantes do livreiro Reycend.

Com uma graça bem sua, fazia a critica, como se em vez de tratar officialmente a tarefa, ao publico a destinasse. Marcava com a sua garra as funcções que o estado lhe entregava. O talento tem privilegios mesmo nas mais infames missões, porque nem sempre os homens de valor deixam de as acceitar.

Joaquim Antonio de Lemos Seixas Castello Branco, escreveu um livro no qual havia o seguinte titulo de capitulo: *O reino de Portugal é uma monarchia pura.*

José Agostinho, fazendo da sua arma official o bisturi das autposias aos erros litterarios, declarava:

"Pois se isso é concedido no primeiro teorema e já demonstrado por si mesmo, deixasse-se ali ficar e nada mais era preciso mas o homem continua na demonstração e uma das provas que allega da evidencia da proposição, que ninguem contesta, é este triste epigramma:

O Povo é uma besta

""Se o povo é elle só a proposição é de eterna evidencia."

Assim se exprimia o censor absolutista, condemnando um livro onde se attacava o povo.

Mas em todas as suas censuras ha esse traço magnifico d'um raro talento.

Com o titulo d'*Ineditas* apparecera uma obra na Mesa Censoria assignada por Antonio Lourenço Caminha e o padre declarava:

"Com paciencia christã e heroico soffrimento li os Ineditos — *(espero em Deus que sempre o sejam) que o auctor diz que quer dar á luz."*

Depois era um drama traduzido sobre o qual apresentava o seguinte juizo:

"Li o drama incluso, que se diz traduzido do allemão de Kotsebune. Este poeta e gazeteiro foi morto, ha poucos annos, por um estudante e pouco chorado pelos liberaes da Allemanha. E' tal o fado avesso do poeta que veiu a ser segunda vez morto e mais cruelmente esquartejado em Portugal por um traductor."

Se nem todos os censores tinham este espirito, a sua tarefa de carcereiros do pensamento exercia-se, ao menos, com a auctoridade dos seus nomes conquistados nos labores do espirito.

Vinham dos capitulos das ordens sabias, das collegiadas, dos cargos da justiça, das cathedras da Universidade que derramavam sobre os habitos, sobre as becas e sobre as batinas alguma cousa de sagrado: a celebridade ganha com os seus estudos.

Aos problemas do espirito dava-se a critica de quem n'elles tinha medrado ao mesmo tempo que se deixava no seu commercio o lojista, na sua terra o agricultor, na sua caserna o militar, por esses tempos em que o conde de Oeiras, como depois o conde de Bastos, se propunham a sanear o pensamento.

Se assim não tivesse succedido, se ao acaso ou ás afinidades politicas se fosse procurar os criticos, naturalmente, embora os fechassem n'um carcere da Inquisição, os poucos pensadores, philosophos e lettrados d'essa epoca acabariam a exercitar-se na satyra e José Agostinho de Macedo — censor por seus maus fados — teria exclamado ante um commerciante em tal cargo: não serem as lettras mercadorias; diante do agricultor: não serem os livros estrumes para as suas varzeas

E decerto, n'uma sessão das suas quintas-feiras, ás duas da tarde no verão e ás tres no inverno, os censores teriam uma expressão de riso nos labios ironicos, sacudir-se-hiam á gargalhada sob as perrucas, desopilando com os ditos e atochando-se de meio grosso, no decorrer da sua missão historica da Real Mesa Censoria.

ROCHA MARTINS

ESCLARECIMENTO IMPORTANTE

ESCREVEM-NOS varias pessoas commentando desfavoravelmente a attitude do jornal *O de Aveiro* onde escreve o Snr. Homem Christo, antigo director d'*O Povo de Aveiro*.

Sem discutir a indelicadeza das pessoas que se nos dirigem n'esse sentido e que mereciam uma boa correcção, cumpre-nos declarar, afim de pôr têrmo d'uma vez para sempre a incidentes d'esta ordem, que o Director d'*A Ideia Nacional*, que se chama HOMEM CHRISTO FILHO e assim é conhecido de todo o paiz, só assume a responsabilidade do que diz, escreve e faz, e nada tem com os actos do director d'*O Povo de Aveiro* a quem está ligado pela mais estreita affeição pessoal inherente às suas relações de familia, cujas virtudes de intelligencia e de caracter muito admira, mas com cuja acção politica não têm nem podia ter ligação ou solidariedade de qualquer especie.

O Snr. Homem Christo, pae, antigo director d'*O Povo de Aveiro* e collaborador effectivo d'*O de Aveiro* é livre-pensador em materia religiosa, republicano e democrata em politica, independente de qualquer partido.

O Snr. Homem Christo Filho, antigo director d'*A Restauração* e director d'*A Ideia Nacional* é catholico em materia religiosa, monarchico e anti-democrata em politica, e faz parte do partido monarchico.

São duas individualidades inteiramente differentes e inteiramente independentes uma da outra, professando opiniões e principios diversos e procedendo, portanto, cada uma em harmonia com o seu criterio.

(*Desenho de* ANTONIO SOARES)

POR

DOM JOSÉ PAULO DA CAMARA

FANTAISIE DE PRINTEMPS, peça em dois actos; de Veva de Lima.

QUANDO o cartaz lhe annuncia uma peça de auctor consagrado, logo o critico severo e grave, franze o sobrecenho e por entre os dentes murmura:

— Hum!... Hum!... Hum!... Vamos lá então a ver isso, meu velho! E para ti já sabes que não ha considerações possiveis. Se julgas que para teu goso se fizeram as delicias da Capua ou se demasiado te fiaste no *cria fama e deita-te dormir*, comigo te has-de haver ou o mundo deixa de ser mundo. Quanto melhor nos deres, melhor te pediremos. Fica-te com esta e... mãos á obra

E elle ahi vae, lapis em punho, catilinarias mobilisadas, prompto a não deixar escapar a mais pequena falha, o mais ligeiro senão.

E' vê-lo porem se o programma lhe apresenta a estreia de um novato!

Logo o olhar se lhe desannuvia, o riso se enternece e todo elle é carinho e benevolencia para a obra do estreante.

Que ha-de ter defeitos, certamente, a perfeição é impossivel, nem os grandes mestres a attingem! Mas não se falla nisso: esconde-se o que fôr peor, alarga-se o elogio do que nos parecer bom e, com uns conselhos paternaes e da tabella, para dar um tom de sinceridade, fecha-se a critica brilhantemente, concedendo ao auctor da producção o titulo de promessa radiosa.

Se não eram estas, devido a inconfidencias de um interprete, as disposições com que entrámos para o Polytheama, na noite em que ali foi representada por amadores, n'uma festa de caridade, a «Fantaisie de Printemps» da Ex.ma Senhora D. Genoveva de Lima Mayer Ulrich, suppunhamos no emtanto ir assistir apenas a uma comediasinha fina, elegante e graciosa, como no-l'a fazia prever o talento da auctora, mas escripta n'alguns momentos de boa disposição com o unico intuito de nos dar uns minutos de prazer espiritual.

Constituiu porem um tão grande e tão vivo successo, confirmado, ou antes, accentuado depois pela leitura do elegante volume em que foi impressa a deliciosa comedia «Fantaisie de Printemps», que injusto seria incluir no numero das radiosas promessas quem tão galhardamente se affirmou logo um talento de eleição, dando-nos uma authentica joia litteraria, que o mais consagrado dos auctores se orgulharia de assignar.

Escripta por uma verdadeira senhora, duas vezes illustre, pelo nome e pela intelligencia, d'ahi lhe resulta logo o seu maior merito, que é possuir toda a finura e sensibilidade de que só são susceptiveis os que nasceram e se educaram n'um meio requintadamente artistico e escolhido.

Mas, depois d'essa grande qualidade tão rara de attingir, difficil se nos torna saber o que mais apreciar: se o theatro, — e do bom — que a peça encerra, se a forma impeccavel da sua feitura, ou a graça exquisita do seu entrecho leve, e delicado, ou ainda a observação brilhante dos seus dois typos femininos, que ambos symbolisam talvez a Primavera„ um com todo o sol dos seus 18 annos alegres e turbulentos, alma de creança que se julga mulher, cheia de vida e de luz, fazendo perdoar nos seus arrebatamentos, os brancos peccadilhos da sua vaidade e do seu amor proprio; a outra, grave e pensativa, com todo o encanto e todo o mysterio das noites tepidas de Maio, coração de mulher com ingenuidades de creança, amando o perigo para o dominar, buscando a lucta para se conhecer a si propria e fraqnejando no emtanto, a cada passo, timida e receiosa; no enleio de quem merece a victoria sem querer alcança-la pelos meios mais faceis.

E é no contraste d'estas duas figuras, uma personificando a plena e alacre florescencia da vida, attrahindo e subjugando tudo e todos, a outra representando apenas o seu perfume, doce e carinhoso, sublime mas quasi imperceptivel para tantos que junto d'elle passam, que reside o pequenino e encantador entrecho da comedia, na qual sobresae pela presteza e acuidade de observação. o personagem requintadamente feminino de Julia, complicada e artistica creação de uma alma de mulher que prefere partir o coração a fecha-lo.

Esperamos que muito em breve a Senhora D. Genoveva de Lima Mayer Ulrich nos dê uma nova obra que constitua para nós, alem de uma deliciosa sensação de arte e de bom gosto a que não estamos infelizmente habituados, a consoladora certeza de que em Portugal ainda temos quem nos possa fazer affirmar sermos um paiz de onde ainda não desapareceu completamente o culto das lettras, que ha tão poucos annos ainda era mantido brilhantemente por uma pleiade illustrissima de homens de verdadeiro talento.

Do desempenho da «Fantaisie de Primtemps» não nos deixa o reduzido espaço de que dispomos. dizer senão que foi brilhante por parte de todos os seus interpretes, que mais pareciam por vezes artistas consumados do que simples amadores, dispostos a arcar com as grandes difficuldades das suas personagens.

Nos principaes papeis destacaram-se as Ex.mas Senhoras D. Genoveva Mayer e D. Maria de Lencastre Van-Zeller que se encarregaram respectivamente das partes de Julia e de Marie Rose Grandval, dando-lhes toda a graça e todo o sentimento que elles requeriam para que não se perdesse uma unica das intenções ou das ideias espalhadas sem avareza pelo decorrer de quantas encantadoras scenas a peça possue.

Da parte masculina salientaram-se João de Lima Mayer, n'um tio vagabundo, bohemio e um pouco sceptico, e Francisco Paes de Sande e Castro que arcou briosamente com as tremendas responsabilidades do papel de Olivier de Thionville, o elegante escriptor por quem Julia se deixou apaixonar e que Marie Rose por momentos julga ter conquistado.

A assistencia, que nos fez recordar as saudosas noites de gala antigas, cobriu de applausos autora e interpretes, sendo unanimes os elogios ao formosissimo talento da Senhora D. Genoveva de Lima Mayer Ulrich.

THEATRO AVENIDA — UMA BELLA AVENTURA, de *Flers e Caillavet*, traducção brasileira.

Diz-se em geral:

— Hoje vou ao theatro.

E, se já se escolheu o espectaculo, diz-se então:

— Hoje vou ao theatro da Trindade, ou do Gymnasio, ou Polytheama, etc.

Mas se a Adelina Abranches está n'um d'esses theatros, logo a phrase se modifica. E é:

— Hoje vou á Adelina.

— Vaes á Adelina?

— Quando é que a Adelina leva peça nova?

E' que ella é tudo e só por si se nos impõe, seja a peça d'este ou d'aquelle, representada em «S. Carlos» ou no «Aguia d'Ouro» da feira, acompanhe-a o elenco da «Comedie» ou a «troupe» do Dallot.

A Adelina é sempre a Adelina. E é com anciedade que todos a esperamos, com alvoroço que a vemos chegar e com a maior rapidez que nos appressamos a marcar o nosso logar para uma estreia que de antemão se sabe auspiciosa, como se costuma dizer e como quasi nunca é... na maior parte dos theatros.

Foi bem escolhida a peça de inauguração da temporada. «A Belle Aventure» é uma das mais deliciosas comedias d'esses dois felizes auctores que contaram sempre os seus successos pelo numero de peças que escreveram.

Leve, original, com carradas de espirito. e um fiosinho de sentimento, o quantum satis para a tornar mais bella e attrahente, a tempera-la aqui e ali, a «Bella Aventura» é de tal modo uma obra prima no genero e obteve da parte da Adelina um desempenho tão excepcionalmente intelligente e cuidado, que nem sequer nos importou notar que a traducção era tudo quanto de detestavel pode produzir um brasiieiro a traduzir do francez para portuguez.

As peças de Flers e Caillavet conseguem em Portugal o mesmo vivo e duradouro successo que em Paris as tem assignalado. E' que a par de uma alegre e sã philosophia que nos mostra defeitos e premeia virtudes sem nos aborrecer com tiradas, Flers e Caillavet teem o sublime defeito de não saberem crear personagens maus e antipathicos.

Da «Bella Aventura» era facil fazer um illustrissimo e excellentissimo drama de these, desde que alguns personagens tomassem o seu papel ao tragico e resolvessem fazer chinfrim.

Se André, ao saber que Helena vae casar com outro por não ter recebido as suas cartas, as quaes foram criminosamente sequestradas por sua mãe, se resolvesse a fazer barulho e questões de moralidade e de direito, a coisa podia ser falada até no genero archi-tragedia.

Mas como elle resolve apenas pegar na sua Helena e fugir com ella uma hora antes do seu casamento, livra-se e livra-nos de scenas tristes e violentas, e dá ensejo aos auctores para architectarem o 2.º e 3.º actos da «Bella Aventura» que são verdadeiras maravilhas de graça, de observação, de ternura e de simplicidade.

A'quella avó de Helena, meiga e santa velhinha que recebe ingenuamente a neta na sua casa, suppondo que ella vem com o marido recebido á face de Deus, dá-se um doce a quem a não ficar adorando, mormente se ella for representada pela Adelina, essa extraordinaria Adelina que nos fez rir e chorar ao mesmo tempo n'uma tão deliciosa e inextrincavel confusão de sentimentos, que melhor é não tentarmos em vão definir o seu talento, substituindo todo e qualquer commentario pelo valioso conselho a quem ainda a não viu de não pensar desde este momento n'outra coisa.

Valentim, o methodico e infeliz noivo de Helena, podia tambem armar banzé com a realissima partida que ella lhe faz, esquivando-se uma hora antes do sagrado nó.

Mas qual! Elle quer zangar-se, lá isso quer! Fez até uma viagem de muitas horas só para descompor Helena, atirar-lhe em rosto a sua traição, affligi-la muito, emfim! Mas não pode. Não pode, nem sabe! E, no fim vendo Helena, André e a avosinha reunidos a um canto, põe-se a chorar. De raiva? De pena? Qual! De commoção! Chega-lhe a parecer, vendo aquelle enternecido quadro. que pertence tambem á familia!

A Adelina, cujos maravilhosos recursos são sufficientes para encher todas as noites o elegante theatro da Avenida, faz-se no emtanto acompanhar por um bello conjuncto de artistas, de entre os quaes se salienta como estrella de primeira grandeza a encantadora Aura Abranches, a nossa melhor ingenua, para quem já não ha elogios que o publico não lhe tenha feito nem applausos que lhe não tenham sido tributados na sua carreira que, embora das mais curtas, é já hoje uma das mais gloriosas que a scena portugueza tem conseguido.

O papel de Helena encontrou em Aura Abranches a sua interprete ideal. Foi assim, certamente, com toda aquella graça simples e ingenua, com toda a ternura e arrebatamento de uma alma alegre e sã, que os auctores imaginaram a protagonista da peça.

Mario Duarte foi correcto, como sempre, na parte de André, que desempenhou com desenvoltura e elegancia.

Sacramento, como esperavamos conseguiu intelligentemente tirar todo o partido do muito bom mas muitissimo difficil papel de Valentim que, cahindo do principio ao fim no mais absoluto ridiculo, deve-nos comtudo deixar a impressão de que elle não é nem tolo, nem demasiadamente ingenuo, nem mesmo, no fim de contas... ridiculo.

E' difficil, é muito difficil, mesmo. E Sacramento, desempenhando-o a contento de todos, mostrou que continua sendo o mesmo artista estudioso, honesto e intelligente que o publico tanto aprecia e gosta de applaudir.

PEPE

QUINQUILHARIAS

INSCRIPÇÕES DE ESPADAS

POR

ARTHUR BIVAR

SOU possuidor de grande copia de inscripções, que não teem cotação na Bolsa, infelizmente.

São alguns centenares de legendas que tenho collecionado, comprando alfarrabios onde as havia, copiando-as nas minhas viagens, forrageando no thesouro de outros collecionadores, preferindo sempre as que em menos palavras fossem mais conceituosas.

O leitor, que nunca se deu a collecionar d'estas inscripções... sem cotação na Bolsa, mal imagina a variedade e amenidade que pode haver n'uma collecção de legendas. Tem-se usado legendas para tudo, dêsde os tumulos dos Imperadores até ás ligas das actrizes! Ha inscripções sobre tumulos, em casas de campo, nas chaminés, nas livrarias, nos relogios, nos sinos, nos espelhos, nas caixas de rapé, nos poços, nas espadas, nos refeitorios... até nas retretes! *„Chegou, pôr fim, a tanto o uso das legendas* — escrevia já no principio do seculo VIII um auctor cuja collecção de legendas possuo — *que alguns fazem dellas mau uso... em certos logares apartados, e que a faculdade expulsora da natureza mais occultos quis, e recatados.*" E o meu auctor, entre as suas legendas, traz esta d'uma retrete, e que é um laconismo lapidar:

Moras extrema recusant!

Lembrei-me de offerecer aos amadores das *Quinquilharias* uma visita á minha curiosa collecção de inscripções. E como a semana passada falei de *patria* e bem pode ser que em sua defeza tenhamos que pegar em *armas*, comecemos por evocar algumas curiosas inscripções de armas.

„Ninguem decerto pensava — escrevia ha uns 13 annos um collecionador italiano, Carlo Mascaretti — que terminado o congresso da Haya, a guerra desapparecia; contudo, assim como desappareceu a escravidão, cuja abolição parecera utopia, e como desappareceram tantas outras instituições barbaras de tempos "menos bellos e mais ferozes", assim tambem é licito esperar que a humanidade futura, n'uma epoca mais ou menos longinqua, consiga passar sem guerra. No emtanto, se a guerra ainda existe, mudou tanto de forma que o falar do „imperio da espada" se tornou uma verdadeira figura de rhetorica."

"A espada já não é mais do que um objecto de museu; e não falo só da que outrora levavam os „senhores". Dos proprios homens de armas, hoje, uma parte, os que combatem no mar, já não sabem para que lhes serve a espada; e quanto aos soldados de terra, não lhes resta senão um pequeno sabre. E' tempo, portanto, de se reconherem as memorias da espada que por tantos seculos foi a arma excellentissima, arbitro dos destinos dos individuos e dos povos. Não existe, que eu saiba a mais pequena collecção das inscripções que sobre ella se costumavam gravar; e aqui vou eu dar uma amostra d'essas inscripções, esperando que nalgum estudioso desperte a vontade de colligir n'um volume o maior numero possivel.

Agradecendo d'antemão a qualquer leitor que enriqueça a minha collecção com alguma legenda portugueza, começo a dar algumas das mais curiosas do erudito collecionador italiano.

Na espada de Alberico Günther, conde de Schwarzburgo, que se conserva em Colonia, lê-se:

A. B. C. D. E. F.

iniciaes das palavras allemãs: *Allein Bei Christus Die Ewige Freude:* Só em Christo a eterna alegria.

N'uma espada ingleza recorda Walter Scott esta breve legenda:

Rest not rust

palavras que querem dizer: *repouso não ferrugem!*

E n'uma franceza lia-se:

Bois le sang, ta soif passera!

fanfarronada que quer dizer: *bebe sangue, passar-te-ha a sêde.* Ao lado d'esta, está muito bem a de outra, italiana:

Dove tocco è finita

que vem a dizer: *Onde toco, acabou-se!* N'uma velha lamina hespanhola, encontrado em Philippeville, na Argelia, lê-se esta inscripção que é, sem duvida, uma das mais bellas:

No me saques sin razón
No me embaines sin honor,

„não me arranques sem razão, não me embainhes sem honra".

„*Respice!* (olha!) é a divisa suggestiva que se lê na espada de guerra de Manuel Filiberto, conservada no Real Museu de Armas de Turim. Do outro lado d'esta espada estão as iniciaes

ARISTOCRACIA NOVA

DONA THEREZA DE MELLO BREYNER

(Desenho de ALMADA-NEGREIROS)

V. N. E. M.

das quaes o conde Victor Seyssel d'Aix, na sua *Descrizione dell'Armeria antica e moderna di S. M. Carlo Alberto*, diz que se ignora a significação. Varias interpretações teem sido propostas, como: *Vincere non est mirum*: «não admira que eu vença", e, n'êste caso, o *Respice* significaria: *olha* como esta espada nas minhas mãos fará prodigios, de modo que não será difficil a victoria. Outra interpretação: *Vulnero, neco, effundo mortem:* "firo, mato, semeio a morte e então o *Respice* diria: *Olha* como esta espada que manejo será terrivel, levando a toda a parte a morte. Outra: *Vae, nam est mecum:* „ai! que está commigo esta espada", querendo então dizer o *Respicc: Olha* bem para ella e prevê as consequencias do seu trabalho, se eu fosse obrigado a servir-me d'ella.

Ás vezes nas inscripções de espadas ha jogos de palavras, como em França, nas espadas dos senhores de *Beaudard* se lê, com allusão ao nome da nobre familia: *A beau dard noble but:* para um bello dardo, alvo nobre, ou, como nas espadas dos Bombelles: *Bombelles in bello non imbelles:* os Bombelles não são imbelles na guerra

Séria e christã era a inscripção que se lê na espada de Fernando III de Hespanha, conservada no Real Museu d'Armas de Madrid. E' um versiculo do Psalmo 117: *Dominus mi adjutor non timebo quid faciat mihi homo, et ego despiciam inimicos meos:* — „O Senhor é o meu auxiliador, não temerei o que contra mim fizer o homem e desprezarei os meus inimigos,"

Nos espadas da Edade Media era vulgar a inscripção: *Memento mei, Mater Dei*: «Recorda-te de mim, ó Mãe de Deus!."

E para terminar (em obediencia ao artigo 1.º do Estatuto, que prohibe as maçadas) se na guerra moderna se não usa já tanto a espada, porque attingimos a perfeição de matar, atirando guaritas de metralha, a 30 kilometros de distancia, o Kaiser, se quisesse gravar uma legenda no monstruoso canhão 42, bem podia aproveitar esta, de uma espada antiga:

Arma tenenti omnia dat qui justa negat.

«a quem tem armas tudo dá quem nega o que é justo" — que é a melhor traducção, em lingua internacional do famoso: *la force prime le droit.*

E, por hoje, embainho.

ARTHUR BIVAR

A EXPOSIÇÃO
DE
ARTE MODERNA
PROMOVIDA PELA
"IDEIA NACIONAL"
SERÁ INAUGURADA
EM MAIO PROXIMO

"LE CORRESPONDANT"

TERÁ COMO AGENTE EM PORTUGAL "A IDEIA NACIONAL"

OS jornaes portugueses já se teem referido em diversas occasiões a esta notavel publicação que é actualmente a mais importante e a mais auctorisada Revista europeia e que sempre se interessou altamente pelas questões portuguesas, tendo publicado ultimamente um artigo sobre a intervenção de Portugal no conflicto das nações, que provocou em França, na Inglaterra, em Italia e em Hespanha o mais justificado interesse.

O ultimo numero, publicado em 25 de Março, contem um artigo de 30 paginas sobre o estado de espirito e a opinião publica no Brasil onde a attitude de Portugal em questões de natureza internacional tem sempre uma repercurssão fatal. Este notavel trabalho é muito lisongeiro para o nosso paiz.

LE CORRESPONDANT é collaborado pelos mais celebres escriptores de todo o mundo. O nosso Director, snr. Homem Christo Filho, que já ha annos vinha sendo sollicitado para collaborar assiduamente no CORRESPONDANT e lá publicára varios artigos em 1912, 1913, 1914 e 1915 mas não pudera ainda acceitar o encargo d'uma collaboração permanente, apesar dos reiterados convites da Direcção por lh'o não permittirem os seus muitos compromissos litterarios, fechou finalmente contracto com a grande Revista francesa no principio d'este anno. LE CORRESPONDANT tem pois publicado e continuará publicando, nos dias 10 e 25 de cada mez, estudos sobre questões politicas, economicas e litterarias extrangeiras e relativas especialmente a Portugal, Hespanha e paizes de lingua hespanhola ou portuguesa, estudos de que é auctor o snr. Homem Christo Filho, embora nem sempre venham assignados.

O summario do ultimo numero é o seguinte:

I — L'ESPRIT PUBLIC ET LA SITUATION AU BRÉSIL.... (HOMEM CHRISTO FILHO)
II — SILHOUETTES DE GUERRE — LE GENERAL SIR WILLIAM ROBERTSON..... MILES
III — LES DOULEURS QUI ESPERENT. ABBÉ FELIX KLEIN (Aumônier de l'Ambulance Américaine)
IV — STRATEGIE NAVALE RUSSE — LA FLOTTE DE LA MER NOIRE..... A. DAVIN (Capitaine de Vaisseau)
V — LA SITUATION FINANCIERE EN ALLEMAGNE
VI — L'HEROISME DE HUMBLES — CROQUIS D'ALPINS .... CAPITAINE X
VII — COMMENT SE FERA LA PAIX? CE QUE DISENT LES NEUTRALISTES ET CE QU'ON PEUT LEUR REPONDRE... VICOMTE DE L'ESTRADE (Correspondant de l'Institut)
VIII — VICTOR HUGO ET LE ROMANTISME..... ALFRED POIZAT
IX — QUELQUES ASPECTS DE PARIS PENDANT LA GUERRE - LA REEDUCATION ET LE PLACEMENT DES MUTILÉS ET DES AVEUGLES ..... M. HELYS
X — LA PREMIÉRE EXPEDITION D'ORIENT — SUR LE CHEMIN DE CONSTATINOPLE — CHARLES STIENON
XI — L'INSTITUT MILITAIRE BELGE DE REEDUCATION PROFESSIONELLE DES MUTILES... MARCEL LAUWICH (Professeur á l'Université de Gand)
XII — CHRONIQUE POLITIQUE..... INTERIM
XIII — BULLETIN BIBLIOGRAPHIQUE

LE CORRESPONDANT é a unica revista de França e Inglaterra cujo preço de assignatura para o extraugeiro não é augmentado. Assim, ao passo que a REVUE DES DEUX MONDES, por exemplo, custa 62 francos por anno em Portugal, LE CORRESPONDANT custa apenas 35 francos, o mesmo que em Paris, ou seja quasi metade da REVUE DE DEUX MONDES.

Todos os portugueses que quizerem estar ao corrente do movimeuto intellectual contemporaneo, conhecer com profundeza as questões de ordem politica, economica, religiosa, social, financeira, diplomatica, que agitam a Europa devem assignar LE CORRESPONDANT.

Para isso basta dirigir um postal ao SECRETARIO GERAL d'A IDEIA NACIONAL, Rua da Emenda, 45 r/c. LISBOA, onde se dão todas as informações e se encontra á venda a grande Revista francesa.

LE CORRESPONDANT vende-se tambem na LIVRARIA FERREIRA, Rua Aurea, Lisboa.

ARTE E ARTISTAS

A EXPOSIÇÃO DE BARCELONA

O nosso presado amigo e collaborador artistico José de Almada-Negreiros recebeu do pintor Amadeo de Sousa Cardoso a seguinte carta:

...SR. JOSÉ DE ALMADA NEGREIROS — Na secção Arte e Artistas *(Ideia Nacional)* firmada por V. escapou um erro de informação referente á Exposição de Barcelona — em via de organisação — deixando entender que esta acção de arte se limita ao horisonte de uma escola. No interesse da Exposição e por conseguinte nosso, venho pedir-lhe o favor de retificar no proximo numero da *Ideia Nacional*, fazendo saber ao publico que esta acção artistica é orientada independentemente de toda e qualquer escola onde tomam parte artistas de diferentes nacionalidades e personalidades distinctas.

Creia-me de V., etc.

Amadeu de Sousa Cardoso

Manhufe. Amarante, 9 abril 1916.

RUY COELHO E A CRITICA

A *Revista Musical*, notavel publicação madrilena, inseriu no seu ultimo numero as seguintes palavras em que se faz justiça ao grande valor artistico do nosso obsequioso collaborador Ruy Coelho:

También en esta misma sala, dió el dia 24 un concierto el joven pianista y compositor Ruy Coelho.

Es esta la tercera vez que llamo la atención de mis lectores sobre este muchacho, e no creo que sea la última, porque, en mi sentir, entre los compositores es este la organización más interesante de la moderna generación portuguesa.

Ejecutó al piano, con gran brillo, poderosa técnica y rara pasión, la "Toccata y Fuga en re mayor" de Bach-Bussoni; la „Egloga" y la "Leyenda de San Francisco de Paula" de Liszt, las admirables Variaciones de Brahms (sobre un tema de Haendel), y de su propia composición, un interesante trio, de modernísimas tendencias, para piano, violín y violonchelo, (en que colaboraron como ejecutantes los Sres. Lima y Passos); una "Trilogia Camoensiana", que mi hija Alicia tuvo que cantar dos veces, y un originalísimo *lied*, igualmente *bissado* y deliciosamente cantado por Laura Wake Marques...

A IDEIA NACIONAL
PREÇOS
DE ASSIGNATURA
EM HESPANHA
E
PORTUGAL

ANNO ..... 2$600
SEMESTRE ... 1$300

RESTANTES
PAIZES
O DOBRO

Desenhos de ALMADA NEGREIROS

Figurinos de BILL

CHRONICA

AS mães sensatas tirarão proveito da bôa ideia que hoje lhe suggerimos como enfeite para os chapeus de verão das suas filhinhas.

Não é cara essa guarnição, cujos elementos se encontram em um velho par de luvas, de preferencia brancas, de que se aproveitarão apenas os canhões, não tendo por isso duvidá que as mãos não estejam em bom estado. Cortam-se duas rodellas, uma de doze centimetros de diametro, outra de nove, e uma tira de tres centimetros de largo e 50 a 55 centimetros de comprido, que pode ser feita de varios pedaços acrescentados, facilmente dissimulaveis sob a passadeira do laço. Esta passadeira obtem-se fazendo ao centro das rodellas dois golpes da largura da tira, formando uma especie de *barrette* sob o qual se passa o laço. A *cocarde* assim preparada mantem-se com uma volta de arame de seda branca que se prende á laçada superior do fundo, e arma-se sobre uma pequena placa de mousseline aramada que se colloca ao centro da *cocarde* pelo avesso, o que permitte o podel-a coser facilmente ao chapeo. Deve haver o maior cuidado no cortar da pellica para que as bordas não fiquem deseguaes nem ás escadas, o que tiraria todo o chic a esta guarnição.

Despretenciosamente collocada sobre um *canotier* de palha realizará um dos mais graciosos adornos para as nossas pequenas, e que além de pouco banal, pela sua facil execução e barateza está ao alcance de todos. (Fig.-I)

Adopta-se tambem muito para as meninas o chapeo *«niniche»*, que enquadra por uma forma adoravel esses rostosinhos em que a alvura do lyrio se tinge por vezes do tom das rozas, e a que os caracois sedosos vêm completar o encanto.

Estes chapeos fazem-se agora em taffetas franzidos, de côres claras principalmente, entre as quaes predomina o *azul-horizonte*, tendo por unico enfeite uma rosinha minuscula. Completam muito bem uma toilette de ceremonia, ou para a tarde.

Com os vestidos simples vêm-se de preferencia os *canotiers* de palha com as abas direitas, ou o chapeo bretão de bordas reviradas.

As *capelines* de tagal começam fazendo timidamente a sna apparição e prevê-se-lhes um grande successo para os bellos dias que se aproximam

O tagal é sempre acompanhado de taffetas ou de crepe da China, tornando-o mais suave á phisionomia. Sobre estas grandes capelines de bordas flexiveis, cujos contornos ondulantes tanta poesia dão ás caritas das nossas pequenas, a guarnição resume-se a uma flôr apenas, feita em seda, bem entendido, ou a uma coroa em *tête d'autruche* collocada a chato sobre a aba.

Ha ainda outros modelos qne se inspiraram nas obras primas de Wateau, e que deixam cair sobre a nuca, ou sobre os hombros duas fitas de velludo preto, muito elegantes de resto.

Para as muito pequeninas a moda não offereceu modificação. Vê-se muito a palhade se da, o tulle bordado misturado com renda da Irlanda, a crina e a palha de arroz.

Nada de mais gracioso de que esses chapeosinhos de tulle bordado que, além do seu encanto especial, têm a vantagem de poder ser confeccionados em casa, vantagem qne todas as mães habilidosas não deixarão de aproveitar. Guarnecem-se de renda da Irlanda, de valenciennes, ou de renda de Milão. Em volta colloca-se uma grinalda rococo que dará ao conjuncto uma nota de frescura, e se a leitora tiver no fundo de alguma gaveta um pedaço de bordado antigo em cambraia, ou um *fonde de bonnet* amarelecido pelo tempo, tem uma boa occasião de o empregar tornando assim o chapeosinho um verdadeiro mimo.

GRISELIDES

PARA AS MÃES LEREM

DIZ um dictado popular: «Ter filhos é dôr, mas creal-os, é amor.

Que verdade tão profunda se nos revela sob a forma simples e commovedora d'este dizer do povo! É o amor realmente que faz o milagre de dar uma segunda vida ao entesinho que, até que chegue a ser alguem, de quantos cuidados, de quantos desvelos não necessita.

A mãe acaba de soffrer ao dal-o á luz... Acaba? Não. Principia. A sua vida adquiriu uma nova forma de soffrimento com o alvorecer d'aquella vida, ao enraizar-se-lhe no coração o affecto mais profundo que ao coração é dado sentir.

Um tenue vagido parte de entre os cortinados vaporosos do berço, tão tenue que só um coração de mãe o presente, e ao repercutir-se alli echôa como se em si resumisse todas as vozes do mundo!

Esse vagido é uma revolução na existencia da mulher. A vida transforma-se-lhe por completo. Todo o seu cuidado, todo o seu interesse se canalizam para o pequenino ser que mal avista entre espumas de renda, na meia claridade do quarto.

Todos os instantes lhe são dedicados... e tudo é pouco, pois da forma como fôr cuidada a creança, depende o homem de amanhã.

A ignorancia das mães sobre este assumpto é assombrosa, e assim acontece que, com todo o seu carinho, nem sempre conseguem fazer de uma creancinha que muitas vezes nasce em optimas condições de vitalidade, uma creatura perfeita e saudavel.

É que não basta a ternura materna, é necessario mais alguma coisa.

Os cuidados, segundo a sciencia, são indispensaveis.

Esses cuidados, conforme opiniões abalizadas que consultarei, farão o assumpto das minhas despretenciosas disertações, que outro fim não têm senão o empenho de poder ser util ás gentis leitoras da «Ideia Nacional».

Principiemos pelo principio, como diria o amigo Banana de saudosa memoria: a creação da creança.

Toda a mãe que tiver leite sufficiente e gosar de boa saude deve crear o seu filho. É este o primeiro mandamento da maternidade, e não haverá mulher digna do nome de Mãe, para quem o cumprimento de tal dever não seja uma satisfação.

Succede muitas vezes que, nas primeiras horas a seguir ao parto, o leite não apparece, ou vem em pequena quantidade. Que este facto não seja causa de desanimo nem de renuncia. Elle virá e, no caso da falta se prolongar, consulte-se o medico.

A primeira vez que se dá o peito a um filho! Qual é a mulher que, passando por tal momento, o poderá jamais esquecer? É qualquer coisa de doce, como o primeiro beijo de amôr; de sagrado como a primeira communhão! A lembrança d'este instante fica para sempre a brilhar junto das mais queridas recordações, e quantas vezes não são essas ternas claridades, reflexos do passado, as unicas que lançam alguma luz sobre as trevas do presente!

A mãe ergue-se um pouco no leito... É a primeira vez, tudo para ella são difficuldades, tudo ignorancias. Passam-lhe o filhinho para os braços, e ao segural-o sente-o tão fragil, tão pequenino, que tem medo quasi de o agarrar. Ajudemol-a com a nossa experiencia... Algumas almofadas em que encoste os hombros e a cabeça, de forma a que o tronco fique um pouco levantado, inclinando-se levemente para o lado onde a creança vae mamar, e collocando esta deitada junto da mãe.

Seguidamente ha que attender ás seguintes condições, indispensaveis á bôa hygiene da mãe e do filho:

1.º Depois do mamar, lavar o peito com agua tepida fervida, ou alcool.

2.º Evitar o comprimir o peito com collete ou corpete demasiado justo.

3.º Evitar o arrefecimento dos seios.

4.º Dar todos os dias um passeio, sem no entanto se fatigar.

5.º Evitar comidas muito temperadas ou picantes, e bebidas alcoolicas, (vinho, licores, etc.)

Durante a primeira semana não pode ser regular o numero de vezes que a creança mama Pôr-se-ha ao peito todas as que chorar, seja de hora em hora, ou de duas em duas horas. No entanto é necessario regularisal-as o mais breve possivel, afim de facilitar as digestões que são sempre difficeis nos recemnascidos.

CORNELIA

A ARTE FEMININA

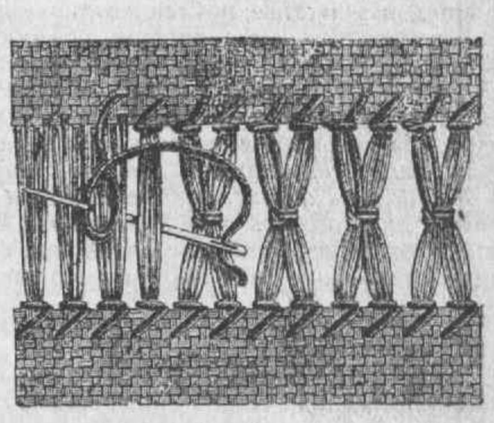
OFFERECEMOS hoje ás nossas leitoras tres lindos modelos de bainhas abertas. Duas d'ellas (fig. I e fig. II) prestam-se admiraveimente para passar fita.

A bainha aberta é um trabalho tão divulgado que dispensa quaesquer explicações sobre a forma de executar estas, forma que de resto vae claramente indicada no proprio desenho.

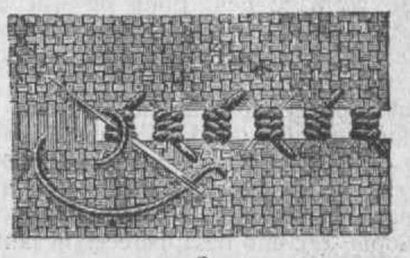
Nada realmente mais bonito do que este genero de trabalho applicado, por exemplo, a roupa de mesa, quer em *chemins-de-table* quer na propria toalha feita em bretanha de linho sobre a qual se abrirá ao centro já em quadrado, já em quadrilongo, uma ou mais bainhas abertas que egualmente se podem fazer na borda. As mesmas bainhas deverão guarnecer os guarda-napos condizentes.

Em lençoes, cortinas, *naperons*, e em varias peças de roupa branca se applicam tambem com gracioso resultado.

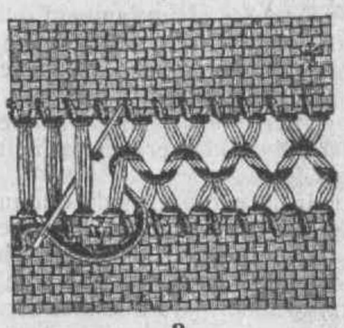
MARIA LUIZA



1



2



3

ANECDOTAS DE CREANÇAS

MUITAS vezes ao ouvir contar historias de petizes pensei quanto seria interessante collecionar essas historias tão cheias de simplicidade e de imprevisto, se fosse possivel entrevistar todas as mães e pedir-lhes que m'as dissessem.

Esse impossivel é mais ou menos realisavel se as mães que me lerem quizerem auxiliar-me narrando as graças dos seus bébés, a que aqui darei publicidade, constituindo assim uma das partes mais originaes e não menos attrahentes d'esta revista.

Principiarei por contar uma que se passou com o filhinho de uma senhora que conheci em Londres.

O pequenito era *Boy-scout*. Uma das coisas a que se obriga um *scout* quando se alista, é todos os dias praticar uma acção util e meritoria.

O ragazinho uma noite, já depois de deitado, ao passar em revista o seu dia, notou que tinha faltado ao seu principal dever: a acção meritoria ficára por praticar! A'quella hora, e já na cama, como realisar o seu compromisso?

E emquanto se voltava e tornava a voltar sem conseguir encontrar uma solução que o satisfizesse, a irmãsita dormia tranquillamente não muito longe d'elle.

De repente fez-se luz n'aquelle espirito atribulado. Levantou-se pé ante pé, procurou ás apalpadelas junto da cama da irmã, e pegando nas botas da pequenita foi-l'has limpar!

R. C.

PENSAMENTOS

É o espirito quem procura, e o coração quem encontra.

GEORGE SAND.

É de insignificancias que tudo se compõe: são ellas que tudo fazem e desfazem, passando atravez ou por cima de todas as coisas.

Nunca nos acharemos suficientemente defendidos contra esse mal, que acaba sempre por nos attingir.

ALPHONSE KARR.

INDICAÇÕES UTEIS

RUY COELHO lecciona Harmonia, Contra ponto, Fuga, Instrumentação, Composição e Piano.

DIRIGIR CORRESPONDENCIA PARA

× R. DA EMENDA. 45 r/c ×

REIS TORGAL

ADVOGADOS

RUA DA PRATA, 149 1.º D.º

ARTIGOS PARA DESENHOS, PINTURAS — E — ARTE APLICADA

AU PETIT PEINTRE

ANTONIO FRANCO

PAPELARIA E TYPOGRAPHIA

104, RUA DE S. NICOLAU

TELEPHONE: 2534

L'ECLAIR

GRANDE JORNAL DIARIO DE PARIS

ABSOLUTAMENTE INDEPENDENTE

PUBLICA DIARIAMENTE UM ARTIGO DE HOMEM CRISTO FILHO, SOBRE QUESTÕES DE POLITICA INTERNACIONAL, QUESTÕES DE ARTE, LITERATURA E ECONOMIA; SEGUE COM ESPECIAL ATTENÇÃO AS QUESTÕES RELATIVAS A PORTUGAL, HESPANHA E AOS VINTE E DOIS PAIZES AMERICANOS, DE RAÇA E LINGUA HESPANHOLA OU PORTUGUESA, TENDO PARA ISSO CREADO EM 1914 UMA SECÇÃO DIARIA INTITULADA

America Latina, Hespanha, Portugal

CUJA DIRECÇÃO FOI CONFIADA AO SR. HOMEM CRISTO, FILHO

AGENCIA EM

LISBOA

NA REDACÇÃO DA

IDEIA NACIONAL

RUA DA EMENDA, 45 r/c

ONDE SE RECEBEM ANNUNCIOS E PARA ONDE DEVEM SER DIRIGIDOS TODOS OS PEDIDOS DE ASSIGNATURAS

L'ECLAIR

VENDE-SE NA

TABACARIA MONACO

OBJECTOS D'ARTE ANTIGOS E MODERNOS

MOBILIARIO

PORCELANAS

ESTATUETAS

JOIAS

QUADROS

MIRANDELLA

R. SERPA PINTO, 6

CALENDARIO ARTISTICO

LINDAS AGUARELLAS

Originaes de diversos pintores portuguezes × × × × × × × × × ×

UM BRINDE CHIC

A' VENDA NA SECÇÃO COMMERCIAL DA

IDEIA NACIONAL

AO PREÇO DE 850 RÉIS

(FRANCO DE PORTE)

MAISON PARISIENNE

262, RUA AUREA, 264

LISBONNE

GRANDE SORTIMENTO EM AMENDOAS NACIONAES E EXTRANGEIRAS × × × ×

CARTONAGENS E CORBEILLES × × × ×

DEJEUNERS ET DINERS

TELEPHONE CENTRAL 1477

Herbert Esteves & C.ª

REPARAÇÕES GARANTIDAS EM MAQUINAS DE ESCREVER, DE CALCULAR, CAIXAS REGISTADORAS, ETC.

MAQUINAS RECONSTRUIDAS DE TODAS AS MARCAS

TLF. 2309

CAES DO SODRÉ, 10

ROUPARIA E RETROZARIA

ANTIGA CASA SUISSA

R. DO AMPARO, 53, 55

ROCIO, 96, 98

LISBOA

TELEFONE CENTRAL 351

ENXOVAES COMPLETOS PARA NOIVA E RECEMNASCIDOS

SEMPRE AS MAIS RECENTES NOVIDADES

MALHAS E CONFECÇÕES DE PELLES

CASA RUBI

TELEPHONE 3851

ALVARO MARQUES & RODRIGUES

LIMITADA

120, RUA DOS RETROZEIROS, 122

(PROXIMO Á RUA AUREA)

LISBOA

ARTIGOS DE ILUMINAÇÃO HIGIENE E AQUECIMENTO

MONTAGENS E REPARAÇÕES

POUPÉE ARTISTIQUE

BONECOS INQUEBRAVEIS, RIVALISANDO COM OS MELHORES FABRICANTES ESTRANGEIROS

E. B. GOMES

R. DOS CORREEIROS, 15, 2.º

LISBOA

MONTEIRO & CARDOSO

TYPOGRAPHIA E PAPELARIA

TRABALHOS TYPOGRAPHICOS EM TODOS OS GENEROS. IMPRESSÕES A OURO, PRATA E CORES SOBRE SEDA E SETIM. RELEVOS, E ENCADERNAÇÕES SIMPLES E DE LUXO.

LIVROS ESCOLARES, OBRAS LITERARIAS, BIJOUTERIAS, MALINHAS PARA SENHORAS E CREANÇAS

ARTIGOS DE NOVIDADE

OFFICINAS MOVIDAS A ELECTRICIDADE

57, RUA DO MUNDO, 59

TELEPHONE CENTRAL 487

LISBOA

Perfumaria Mimosa

A MAIS CHIC E AMPLA
PERFVMARIA DE LISBOA

·A·QVE·MAIS·SE·LIMITA·

·102·RVA·DO·
·OVRO·104·

LISBOA

·TELEFONE·
··4050··